



A Encíclica *Laudato Si'* e as reações de católicos e evangélicos ao cuidado com a casa comum

The Encyclical *Laudato Si'* and the reactions of Catholics and Evangelicals to care for the common home

Luís Felipe Lobão de Souza Macário¹

Resumo: O artigo tem por objetivo destacar como o tema abordado na Encíclica *Laudato Si'* – o cuidado com a casa comum – é tratado por católicos e membros de diferentes igrejas cristãs. A partir de uma leitura crítica de diversos artigos, escritos por teólogos – católicos, protestantes e anglicanos –, cientistas da religião e outros acadêmicos, e publicados em três coletâneas (*Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*; *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco*; *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*), pode-se concluir que a preservação do planeta Terra – nossa casa comum – é uma preocupação comum a católicos e evangélicos.

Palavras-chave: Religião. Cristianismo. Natureza. Ecologia.

Abstract: This article aims to highlight how Catholics and members of different Christian churches deal with the theme “caring for the common home”, discussed in Encyclical *Laudato Si'*. This paper is based on a critical reading of several articles, written by theologians – Catholics, Protestants and Anglicans –, religion scientists and other academics, published in three collections (*Caring for the common home: Laudato Si' theological and pastoral keys*; *Evangelicals and the Pope: views of evangelical leaders on Pope Francis' Encyclical Laudato Si'*; *Dialogues within the common house: interdisciplinary receptions on the encyclical Laudato Si'*), concluding that the preservation of planet Earth – our common home – is a common concern for Catholics and Evangelicals.

Keywords: Religion. Christianity. Nature. Ecology.

Introdução

Este artigo trata sobre a Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, e sua recepção entre católicos e evangélicos, tendo por objetivo destacar como o tema abordado no documento – o cuidado com a casa comum – é enxergado por eles.

O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, apresento a Encíclica *Laudato Si'*, destacando, de forma concisa, como ela trata o cuidado com a casa comum. Na segunda, apresento como católicos apreciam o tema, a partir de sua

¹Mestrando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em História da Igreja e em Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). E-mail: lfelipemacario@uol.com.br.

recepção da Encíclica, percebida em artigos reunidos nas coletâneas *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'* e *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*. Na terceira, faço o mesmo em relação aos evangélicos, baseado em textos presentes no livro *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco*.

1. A Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum

A Carta Encíclica *Laudato si'*, do Papa Francisco, sobre o cuidado da casa comum, foi publicada em 24 de maio de 2015. Em uma introdução não intitulada, o Pontífice, a partir de um cântico de São Francisco de Assis, compara a casa comum a uma irmã ou a uma boa mãe – com quem partilhamos a existência e que nos acolhe em seus braços –, destaca a extrema gravidade representada pela destruição do nosso ambiente – em virtude de Deus ter confiado o mundo ao ser humano e de a própria vida humana ser um dom a ser protegido das várias formas de degradação – e chama a atenção de que a humanidade ainda é capaz de encarar o desafio urgente de proteger a nossa casa comum e colaborar na sua construção, desde que toda a família humana se una na busca de um desenvolvimento sustentável e integral (LS 1, 5 e 13)².

Em um primeiro capítulo, intitulado *O que está acontecendo com a nossa casa*, Francisco aponta o contraste entre a atual velocidade das ações humanas impostas ao planeta e a natural lentidão da evolução biológica, esclarecendo que os objetivos das rápidas e constantes mudanças nem sempre estão voltados para o bem comum e para o desenvolvimento humano sustentável e integral, ressaltando, a seguir, que a poluição, que atinge a todos, faz com que nosso ambiente pareça estar se transformando, cada vez mais, em um grande depósito de lixo, o que é agravado pelo fato de que ainda não se adotou um modelo circular de produção que garanta recursos para todos e para as futuras gerações, com a limitação do uso dos recursos não-renováveis e a moderação de seu consumo, aproveitando-os de forma mais eficiente, reutilizando-os e os reciclando. Para ele, não se deve deixar de levar em conta as consequências da degradação ambiental, do atual padrão de desenvolvimento e da cultura do descarte na vida das pessoas (LS 18, 20-22 e 43).

²Na primeira parte do artigo, que trata sobre a Encíclica *Laudato Si'*, a numeração entre parênteses se refere aos parágrafos do documento.

Quanto à questão climática, o Papa afirma ser o clima um bem comum, de todos e para todos, que são convidados a se conscientizar da urgência de mudar os estilos de vida, produção e consumo, a fim de combater o aquecimento ou, ao menos, as causas humanas que o ocasionam ou agravam, acrescentando que as mudanças que o afetam são um problema global, que gera graves efeitos ambientais, sociais, políticos, econômicos e distributivos, e que, atualmente, constitui um dos principais desafios para a humanidade (LS 23 e 25).

No segundo capítulo, *O Evangelho da criação*, o Pontífice nos lembra que nenhum seré supérfluo, pois cada um tem sua função, afirmando que devemos nos preocupar de que os demais seres vivos não sejam tratados irresponsavelmente e que a indiferença e/ou crueldade para com as outras criaturas sempre acabam por repercutirno tratamento reservado aos outros seres humanos (LS 84,90e 92).

Em *A raiz humana da crise ecológica*, terceiro capítulo, Francisco denuncia que a economia adota todo o desenvolvimento tecnológico tendo em vista o lucro, sem se importar com as possíveis consequências negativas para a humanidade, e que uma apresentação imprópria da antropologia cristã colaborou para a promoção de uma concepção equivocada da relação entre o ser humano e o mundo. Ele considera que,sendo a crise ecológica expressão – ou uma manifestação externa – da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não devemos nos iludir de que é possível corrigir o nosso relacionamento com a natureza e o meio ambiente sem tratar todas as relações humanas fundamentais (LS 109,116 e 119).

No quarto capítulo, intitulado *Uma ecologia integral*, o Papa considera que a ecologia também abarca o cuidado com as riquezas culturais da humanidade, em seu sentido mais amplo, e que é fundamental prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes e às suas tradições culturais, por não seremsomente uma minoria entre outras, mas os principais interlocutores em relação a grandes projetos que afetem os seus espaços.De acordo com ele, um princípio que desempenha papel central e unificador na ética social é o de que a ecologia humana deve ser inerente à noção de bem comum,o que pressupõe o respeito pela pessoa, com direitos fundamentais e inalienáveis voltados para o seu desenvolvimento integral, o que deve ser defendido e promovido por toda a sociedade e, em especial, pelo Estado (LS 143,146 e 156-157).

Em um quinto capítulo, *Algumas linhas de orientação e ação*, o Pontífice recorda que, superando muitas dificuldades, desde meados do século XX foi-se

afirmando a concepção do planeta como pátria, assim comoda humanidade como povo que habita uma casa comum, e – citando a *Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento* – que na Cimeira da Terra, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, foi proclamado que “os seres humanos constituem o centro das preocupações relacionadas com o desenvolvimento sustentável”, concluindo que a grandeza política ganha a luz quando, diante de dificuldades, trabalha-se baseado em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo (LS 164,167 e 178).

Finalmente, em *Educação e espiritualidade ecológicas*, sexto e último capítulo, o líder católico admite que, embora muitas coisas devam ter seu rumo reajustado, é principalmente a humanidade que precisa mudar, pois falta a consciência de uma origem comum, de uma pertença recíproca e de um futuro partilhado por todos, acrescentando que a *Carta da Terra* nos convidava a um recomeço, deixando para trás uma etapa de autodestruição, mas que ainda não desenvolvemos uma consciência universal que torne isso possível. Para ele, é possível o desenvolvimento da capacidade de sair de si rumo ao outro e, sem ela, não se dão devido valor às demais criaturas, não se desperta o interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para impedir o sofrimento e/ou a degradação daquilo que nos rodeia. Assim, a partir do abandono da consciência isolada e da autorreferencialidade, a atitude basilar de se autotranscender é a raiz que permite todo o cuidado com os outros e o meio ambiente. Francisco, então, propõe aos cristãos algumas linhas de espiritualidade ecológica, a partir das convicções da fé, pois o que o Evangelho nos ensina tem consequências no nosso modo de pensar, sentir e viver (LS 202,207-208 e 216).

2. A reação dos católicos em relação ao cuidado com a casa comum

O livro *Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*, organizado pelo teólogo Afonso Murad e pelo frei franciscano Sinivaldo Silva Tavares, traz contribuições escritas quase que em sua totalidade por católicos, tendo por objetivo proporcionar uma primeira compreensão sobre a Encíclica.

De acordo com o dehoniano Marcial Maçaneiro (2016, p. 74 *et seq.*), desde a *Rerum Novarum* até a *Laudato Si'*, houve alguns passos significativos, como “a afirmação da ecologia como um *paradigma de referência* para a ética, a saúde, a política, a economia, a educação, e até para as religiões”, pois tais esferas da vida

passaram a problematizar a habitação humana na Terra, o que gerou alguns desenvolvimentos recentes, como a interpelação da ecologia sobre a cosmovisão e a responsabilidade das religiões na administração dos bens naturais e na defesa da vida, assim como a releitura da teologia bíblica da criação, em diálogo com a antropologia e a espiritualidade, o que originou a ecoteologia.

O presbítero Francisco de Aquino Júnior (2016, pp. 29 *et seq.* e 32) explica que o “Evangelho da Criação” se refere ao projeto de Deus para toda a criação e à relação do ser humano para com esta, sendo ele, ao mesmo tempo, parte dela e corresponsável por ela. Por isso, reduzi-la a mero instrumento ou recurso e/ou não se responsabilizar por seu cuidado significa romper com Deus, negando ou mesmo atentando contra seu desígnio criador. Assim, a colaboração dos cristãos para enfrentar os problemas socioambientais está intimamente vinculado à forma como se entende o vínculo essencial entre a relação com Deus e com o conjunto da criação na fé cristã. Ofender a criação – em especial, a criatura humana – é ofender a Deus, enquanto cuidar dela – sobretudo da vida humana – significa colaborar com sua obra criadora, através da tarefa que nos foi confiada por Ele.

A teóloga Maria Clara L. Bingemer (2016, pp. 173 e 175) esclarece que, recentemente, a teologia cristã vem se esforçando para se debruçar sobre o tema da criação, o que denota uma tomada de consciência de que, na questão ecológica, está em jogo muito mais que um novo assunto a ser trabalhado pelo pensamento teológico, mas o futuro das relações “homem-natureza-Deus” e, conseqüentemente, o próprio conceito de Deus que é central ao Cristianismo, ou seja, “Deus Pai, autor da vida, criador e salvador”. Para ela, enquanto podemos fazer um uso responsável das coisas, devemos reconhecer que os demais seres vivos têm um valor próprio diante de Deus, merecendo respeito e atenção por terem sido desejados, pensados e criados por Ele, corroborando o frade franciscano Rodrigo de Castro A. Péret (2016, pp. 189 e 193), para o qual nada é um mero objeto, ninguém e nada é mais digno do que outro, todas as criaturas avançam para Deus, sua meta comum, e a economia deve respeitar a dignidade e a qualidade de vida humana, assim como as experiências dos povos, suas culturas e diversidade de cosmovisões.

O presbítero Agenor Brighenti (2016, p. 63 *et seq.*) lembra que, apesar de toda a riqueza da revelação bíblica e do exemplo de grandes santos, como Francisco de Assis – amantes da natureza –, alguns dizem que, historicamente, o Cristianismo é uma religião pouco sensível às questões ecológicas, admitindo uma certa razão, pois

em meio à grave crise da qual a humanidade se conscientizou desde meados do século passado, não foram os cristãos que chamaram a atenção para a ecologia, embora seja esta uma causa evangélica. No entanto, ele destaca que, desde o primeiro instante, principalmente a partir do pontificado de João XXIII, o magistério social pontifício fez do tema um espaço de atuação dos cristãos e que, convergindo com o Plano da Criação, tal crise nos conscientiza cada vez mais de que o futuro de todos depende de uma ação conjunta.

O frade capuchinho Luiz Carlos Susin (2016, pp. 42, 48 e 50) lembra que São Francisco de Assis representa o nascimento de uma nova relação, em que a fraternidade e a sororidade, a confraternização de todas as criaturas – incluindo o lobo feroz, o fogo, o vento e até as estrelas mais distantes – tornam-se, de fato, irmãos e irmãs na família sabática que louva o Criador. De acordo com ele, o atual processo de “conversão da conversão” significa confiar na ajuda celestial para cuidarmos da terra, porque, à força de maltratá-la, ela está em perigo de deixar de ser um caminho para o céu. Em razão disso, exige-se, para os adultos, uma “conversão” ecológica para uma alfabetização ecológica, o que passaria pela mente, pela mão e pelo coração.

O frei carmelita Gilvander Luís Moreira (2016, p. 204) considera que o produtivismo, o trabalho por metas e a intensificação de seu ritmo – para produzir o mais rápido possível –, assim como a terceirização e a precarização de suas condições, estão desumanizando milhões de pessoas e fazendo aumentar, de forma assustadora, o número de adoecimentos por trabalho extenuante. Já o frade dominicano Frei Betto (2016, pp. 157 e 162) afirma que a primeira exigência bíblica é cuidar de si mesmo, do próximo e da obra de Deus, propondo, como uma reflexão penitencial, pensar se a educação nos colégios católicos inspira o cuidado com o planeta e com a defesa dos direitos dos mais pobres, se é crítica ao consumismo e se ensina a evitar o supérfluo.

De acordo com o monge beneditino Marcelo Barros (2016, p. 106 *et seq.*), a encíclica *Laudato Si'* trata de um cuidado espiritual e demonstra que a visão da natureza como “meio ambiente”, comum às chamadas “religiões da natureza”, mais se assemelha do que se diferenciada visão bíblica da criação. Ele também pensa que, da forma como se revela na atualidade, a crise ecológica é um fenômeno que desafia todas as religiões, com algumas descobrindo, em suas próprias tradições, elementos que podem ajudar a transformar o modo como a humanidade enxerga o meio ambiente e o universo que nos cerca. Além disso, para ele, como os empobrecidos pertencem a diversas religiões, as tradições espirituais devem se unir para denunciar

e combater tanto o capitalismo destruidor da vida e da natureza, como a visão neoliberal que oprime os pobres.

Enquanto o católico leigo Pedro A. Ribeiro de Oliveira (2016b, p. 100) diz que, esclarecidos pela *Laudato Si'*, os cristãos devem abrir seu horizonte para incluir a grande comunidade de vida da qual fazem parte e que também é vítima do mesmo sistema capitalista que oprime a maior parte da população do planeta, o teólogo Benedito Ferraro (2016, p. 72) afirma que, diante da dura realidade da miséria –fruto da injustiça social –, a opção pelos pobres indicada pelo Papa Francisco se constitui como energia vital na defesa da casa comum, pois os principais atingidos pela devastação da “nossa irmã mãe terra” são eles, em especial as mulheres, os camponeses e os indígenas.

Finalmente, teólogo Leonardo Boff (2016, p. 20 *et seq.*) destaca o fato de Francisco confiar na capacidade criativa dos seres humanos, que, juntos, terão capacidade de encontrar saídas salvadoras, lembrando a *Carta da Terra*, segundo a qual “nossos desafios ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão interligados e, juntos, podemos forjar soluções inclusivas” (EARTH CHARTER, 2020).

Em seu 70º aniversário, a PUC/SP realizou o 1º Congresso de Doutrina Social da Igreja, o que resultou no livro *Diálogos no interior da casa comum: recepções interdisciplinares sobre a encíclica Laudato Si'*, organizado pelo teólogo João Décio Passos que, na introdução à obra, considera que “o cuidado para com a casa comum constitui a realidade mais imediata, mais envolvente, mais urgente e mais desafiante para a vida e a convivência humana no atual estágio da jornada humana na terra”, acrescentando que o *Evangelho da criação* coloca a Doutrina Social da Igreja “em um novo patamar, superando qualquer centralismo religioso, cultural e antropológico” (2016, p. 14 *et seq.*).

De acordo com o frei mercedário Lisâneos Francisco Prates (2016, pp. 191 e 200), uma “tensão dialética que dinamiza a realidade desde sua configuração propriamente dita aparece também na interação e afirmação de que ‘o todo é superior à parte’” e que as mais variadas mediações do saber humano, dentre as quais a sabedoria religiosa e a espiritualidade, deverão contribuir para o caminho para que seja superada a crise ecológica. Já para o teólogo Alex Villas Boas (2016, pp. 224 e 228 *et seq.*), a descoberta de outras possibilidades passa por se construir o bem comum, o que é propiciado pela consciência de fraternidade universal, e “se as ideias

podem separar, a realidade deve nos unir, em um esforço cooperativo para o bem de tudo e todos”. Ele acrescenta ainda que para uma compreensão integral dentro de uma realidade plural de culturas a serem reconhecidas, que também se desdobra em uma pluralidade teológica, poderia se falar, dentre outras coisas, do hipodigma da ética planetária, da fé no mistério da vida e da centralidade da biovulnerabilidade.

De volta a João Décio Passos (2016, p. 90 *et seq.*), ele pensa que a visão da casa comum – que necessariamente abriga a diversidade e se edifica como sistema único, mostrando-se como grande dom do Criador e como relação integradora de todos os seres que a compõem, e vista na integração dos dois olhares como tarefa de cuidado de todos os seres humanos – “resgata o sentido da criação contido na tradição judaico-cristã”, colocando a Igreja em diálogo com pessoas de boa vontade e com as ciências que contribuem para pensar o sistema terra e, mais urgentemente, construir saídas. Ele acrescenta que os homens de fé são convidados a ler a atual realidade do planeta de forma crítica, a procurar maneiras de romper com os caminhos impostos pelo regime econômico em curso e a construir saídas criativas que favoreçam a sustentabilidade planetária. Finalmente, ele destaca que, sob Francisco,

o papado é assumido como um serviço humilde à Igreja (e não como poder político), a Igreja é vivenciada como servidora da humanidade, sobretudo dos mais pobres (e não como instituição tradicional congelada em suas estruturas), a humanidade é acolhida como dom do criador no conjunto da criação (e não como diversidade perigosa para a Igreja) e a criação é concretizada no sistema-terra maltratado pelo sistema econômico tecnocrático (e não como mistério desvinculado da realidade).

Enfim, o frei dominicano Carlos Josaphat (2016, pp. 26 *et seq.* e 46 *et seq.*) afirma que, “progredindo na sua autocompreensão de comunidade de Cristo e do Espírito de Amor”, a Igreja busca “o bem total e concreto, a fidelidade diante de toda a humanidade atual e futura”, mesmo “para o cuidado carinhoso e tecnológico do Planeta Terra, a casa comum de todos os povos e de todas as gerações”, esclarecendo que “o papa Francisco lança como base de tudo o pequeno e incontido verbo sair”, desejando “ver e mostrar a ‘Igreja em saída’”, o que significa “a libertação do inferno (...) de gente fechada em seu egoísmo efervescente se afrontando dentro de ‘Quatro paredes’”, havendo de “culminar em cuidar da Casa Comum de toda família humana, do Planeta, da criação onde fraternizam as criaturas de Deus e para Deus”.

Porém, o padre jesuíta e teólogo Victor Codina em artigo publicado no site do IHU – Instituto Humanitas Unisinos, afirma que, diante desta nova imagem da Igreja proposta por Francisco, existem vozes discordantes e críticas bastante contrárias ao

seu pontificado, que apontam suas supostas imprecisões e erros doutrinários – a partir da convicção de que ele não é teólogo –, assim como a sua pouca competência científica e ecológica, manifestada na *Laudato Si'*.

Codina pensa que, na verdade, o que incomoda os detratores do Pontífice é o fatode sua teologia partir da realidade – da injustiça, pobreza, destruição da natureza e clericalismo eclesial–; que ele diga que todos devemos fazer juntos o mesmo caminho, escutando e dialogando; que ele critique o paradigma antropocêntrico e tecnocráticodestruidora natureza, poluidordo meio ambiente, que ataca a biodiversidade, excluindo os pobres e os povos indígenas de uma vida humana digna e ameaçando o futuro da casa comum, assim como os líderes políticos que são incapazes de tomar resoluções corajosas.

Finalmente, o jesuíta boliviano defende Francisco dizendo que, apesar de este não ter a intenção de ocupar a cátedra de teólogo, mas de pastor, é óbvio que ele seja um teólogo, mas cuja teologia é pastoral, não colonial, do Sul, o que incomoda o Norte, embora suas mensagens estejam em perfeita harmonia com a doutrina profética, bíblica e social da Igreja. Além disso, aponta a convergência entre as críticas teológica e social a Francisco, afirmando que os grupos reacionários da Igreja estão alinhados aos poderosos grupos econômicos e políticos.

3. A reação dos evangélicos em relação ao cuidado com a casa comum

A coletânea *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco*, organizado pelo teólogo e pastor metodista Cláudio de Oliveira Ribeiro, reúne textos de batistas, metodistas, presbiterianos, pentecostais, luteranos, reformados e anglicanos. Em sua apresentação, Ribeiro (2016, pp. 13, 19 e 21) afirma que uma teologia da criação deve motivar as igrejas a se aprofundarem questões ecológicas e bioéticas, pautando, cada vez mais, o debate teológico e pastoral de temas urgentesda atualidade, como a clonagem humana, a poluição ambiental, o uso da terra,o desmatamento, o valor da biodiversidade, a escassez da água, a economia política e a sexualidade humana. Ele acrescenta que a doutrina da criação poderia ser chamada, igualmente, de doutrina da comunhão, constituindo excelente exercício para que se reflita sobre a igreja, “uma vez que se as pessoas e grupos seguissem o exemplo de Deus, que é amor e que estabelece relações, estariam sendo um modelo para as igrejas, para as religiões e para a sociedade”,

demonstrando a alteridade, “respeito e valorização do outro e da terra” e que a espiritualidade cria espaço de consciência social, alteridade, coexistencialidade, cordialidade, humanização e integração cósmica.

Ele também destaca que há uma significativa contribuição de setores ecumênicos, em especial o trabalho desenvolvido pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), cujo embrião se encontra ainda nos anos de 1970, para o tema do cuidado com a criação, tendo sido nesse momento em que foram estruturados a iniciativa e o programa de ação “Justiça, Paz e Integridade da Criação” (JPIC), concluindo com a informação de que há, no universo das igrejas evangélicas brasileiras, uma rica variedade de ações levando a sério o cuidado com a criação (*Ibid.*, pp. 14 e 22).

Para o atual presidente da Conferência Episcopal da Igreja Evangélica da Noruega e então Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, Olav Fykse Tveit (2016, pp. 29 *et seq.* e 32), a *Laudato Si'* foi recebida como “uma voz forte a respeito de nossa crise comum e esperança comum”, esperança cujo critério é o amor por toda a Terra e todos os seres humanos, acrescentando que a família humana é parte de uma maior, composta por todas as criaturas de Deus que também têm o planeta Terra como sua casa comum. Ele explica que, nas últimas quatro décadas, através de muitos de seus documentos, o CMI igualmente tem se manifestado sobre as mudanças climáticas e a ecojustiça, sobre a Terra como casa para todas as coisas vivas –que vivem em uma teia de relacionamentos, ligados umas às outras, embora em diferentes espaços ou *habitats* –, promovendo a visão de uma sociedade justa e sustentável já em 1974 e, desde 1983, “estimulado o testemunho das igrejas pelo cuidado com a criação mediante um amplo processo por justiça, paz e integridade da criação”, completando que “por toda a Europa e em outras regiões do mundo, pessoas participaram em peregrinações pela justiça climática que o CMI inspirou e iniciou como um elemento da Peregrinação por Justiça e Paz”.

A partir da leitura da Encíclica *Laudato Si'*, o teólogo metodista Helmut Renders (2016, pp. 75 e 79) aponta “aspectos ecumênicos, éticos, pastorais e de cunho mais filosófico” que considera promissores e relevantes em meio aos desafios ecológicos, sociais e econômicos de nosso habitat na atualidade, considerando que os metodistas brasileiros deveriam lê-la, mesmo após a decisão conciliar de 2006, que rompeu o tipo de colaboração com a Igreja Católica em nível nacional, pelo fato de o documento abrir uma nova porta ao diálogo, articulando o interesse no bem da Casa Comum, com foco nos mais pobres. Já a teóloga leiga de tradição metodista

Maryuri Mora Grisales (2016, p. 143) esclarece que, no Brasil, na Rede Ecumênica da Juventude (REJU), há a ideia clara de que na ação ecumênica dos jovens, ainda que o tema ambiental não seja o único que os ocupa, a chave de sua identidade é aproveitar suas experiências religiosas, sua fé e sua espiritualidade para potencializar as lutas sociais do dia a dia, posição bastante significativa “em uma sociedade cada vez mais crítica e mais cética em relação à religião”.

A metodista leiga Magali do Nascimento Cunha (2016, p. 38 *et seq.*) esclarece que o movimento ecológico do século passado chamou a atenção das igrejas para o grito de socorro da *oikoumene*, resultante do desenvolvimentismo, e que tal clamor foi notado primeiramente pelo movimento ecumênico, que passou a convocar os cristãos a um esforço comum, especialmente através das ações do CMI. Assim, a partir da década de 1960, a preocupação com os projetos desenvolvimentistas e suas consequências sobre a vida no planeta passou a ser assunto das reuniões ecumênicas, como a Conferência Mundial de Igreja e Sociedade, realizada, em 1966, pelo Conselho Mundial de Igrejas, que também criou, nos anos de 1970, o Programa “Por uma Sociedade Justa, Participativa e Sustentável” –que teve sua ênfase na participação e na sustentabilidade –, destacou o tema do cuidado com a criação em sua 6ª Assembleia (Vancouver/Canadá, 1983) e lançou, em 1988, o Programa sobre Mudanças Climáticas, para “promover a transformação das estruturas socioeconômicas e das escolhas de estilo de vida das pessoas que contribuam para o aquecimento global”.

Ainda de acordo com Cunha (*Ibid.*, pp. 40 *et seq.*), a partir da década de 1970, com o conceito de comunidades sustentáveis que ajudou a construir, o Conselho Mundial de Igrejas importou as noções de justiça e paz para a relação com o meio ambiente, conferindo-lhe o conceito teológico da Criação e – como consequência de sua já citada 6ª Assembleia – estabelecendo o “Processo Justiça, Paz e Integridade da Criação” (JPIC), o que incorporou de forma definitiva e integral a questão ambiental à preocupação e às ações ecumênicas nos processos de desenvolvimento. A dimensão JPIC foi trabalhada na Convocatória Justiça, Paz e Integridade da Criação (Seul/Coreia do Sul, 1990), que envolveu todas as igrejas-membro do CMI, além de outras igrejas irmãs, personalidades e organizações de defesa do meio ambiente, para “traçar projetos para uma ação ecumênica que possibilite superar os problemas causados pela injustiça, violência e pela degradação do meio ambiente”, e por ocasião da qual esteve em destaque a preocupação com a mudança climática. O Processo



JPIC foi abraçado em definitivo pelo CMI em sua 7ª Assembleia (Canberra/Austrália, 1991), com a criação de uma unidade programática denominada Justiça, Paz e Criação. Assim, o Conselho passou a trabalhar para incentivar as igrejas a desenvolver o testemunho vivo de sua resposta ao chamado divino do cuidado com a Criação, incluindo “a tarefa profética da denúncia dos processos de ambição desmedida de nações e grupos privados que resultavam na exploração e na destruição do meio ambiente” e enfatizando “a responsabilidade das igrejas quanto ao cuidado com o meio ambiente, com a Criação”.

Enfim, Cunha (*Ibid.*, p. 43 *et seq.*) acrescenta que o Conselho Mundial de Igrejas se engajou na preparação e nos desdobramentos da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio de Janeiro/Brasil, 1992), que contou com uma programação paralela, a Expo Rio-92 –organizada por entidades ecumênicas e ONGs de todo o mundo –, que incluiu “uma tenda inter-religiosa que discutia a relação entre meio ambiente e religiões e a realização da celebração inter-religiosa ‘Um novo dia para a Terra’”, em Nova Iguaçu, que “reuniu representações das igrejas de todos os continentes”, representando “a renovação do compromisso ecumênico profético de 20 anos por meio do CMI”.

Para o bispo emérito da Igreja Metodista, Paulo Ayres Mattos (2016, p. 57 *et seq.*), “a encíclica de Francisco é uma luz no fim do túnel num momento histórico tão crítico como o que toda a humanidade vive nos dias de hoje”, embora o documento não ressalte, de forma explícita e aberta, a relação que existe entre ecologia, economia e ecumenismo, o que é feito pelo movimento ecumênico quando se debruça sobre os temas da justiça, da paz, da integridade da criação e da participação popular. Aliás, ele percebe, no documento, a ausência de qualquer referência à longa discussão sobre a integridade da criação que tem se desenvolvido no movimento ecumênico, especialmente por intermédio do Conselho Mundial de Igrejas, ignorando por completo todo um esforço que teve seu ápice na já mencionada Convocatória Justiça, Paz e Integridade da Criação.

O líder leigo metodista Cláudio Augusto Limas das Neves (2016, p. 147 *et seq.*) admite que “de fato, partindo de uma constatação, podemos dizer que nunca conseguimos produzir algo em conjunto, um manifesto para nossa Casa Comum”, havendo somente trabalhos isolados, frequentemente engavetados em gabinetes pastorais e somente lembrados diante de alguma tragédia ou encontro sobre o meio ambiente. Ele destaca que o fato de os cristãos não conhecerem o teor da temática

ecologia constitui um estranho testemunho, arriscando-se a reconhecer que pouco se tratou diante do tema Casa Comum, mas se sentindo conclamado a perseverar em seu “engajamento social, educacional e cristão” para contribuir para a formação de uma geração “antenada” na Amazônia, lembrando que a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016 poderia servir de estímulo para “uma prosa”.

Outro metodista, Fábio Martellozzo Mendes (2016, pp. 155, 158 e 161 *et seq.*) diz que estamos em meio uma crise socioambiental cujas consequências ainda não podem ser mensuradas e que as igrejas e religiões do mundo já se debruçam sobre essa crise e abordam as questões prementes sobre justiça ambiental e justiça social, esclarecendo que “a Igreja Metodista tem o Credo Social, documento que é parte dos seus Cânones desde 1934” e que “a atual versão, aprovada no Concílio Geral realizado em 2011, possui um parágrafo que trata da Terra e seus recursos como direito e dever de todo cidadão e cidadã”, acrescentando que sua intenção, ao recuperar os documentos produzidos por sua Igreja – alguns até mesmo anteriores aos documentos católicos – é assinalar os riscos que ameaçam a encíclica, ou seja, “de cair em ouvidos moucos ou o de gerar um discurso que não reflete a prática pastoral e catequética católica”. Ele lembra que o CMI realiza as peregrinações por justiça climática, como parte do Programa de Peregrinação por Justiça e Paz, afirmando que

a perspectiva da espiritualidade ambiental mencionada pelos documentos oficiais das denominações e confissões religiosas só será alcançada e cultivada mediante movimentos contra-hegemônicos e minoritários, ainda que fundamentais para a inserção do debate sob a perspectiva da justiça social e ambiental na pauta do dia nessas mesmas religiões hegemônicas.

Para o reverendo da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil Carlos Eduardo Calvani (2016, p. 92), a Encíclica destaca temas que deveriam ser trabalhados em grupos de estudo nas igrejas, pois todos são impactados por problemas como “poluição, resíduos e a cultura do descarte”, assim como outras do gênero “e, sobretudo, fraqueza e insuficiência das reações dos Estados e das multinacionais em minimizar tais situações”, acrescentando que na atual conjuntura do protestantismo histórico no Brasil – e em especial no caso da Igreja Episcopal Anglicana –, a encíclica oferece desafios “para refletir sobre algumas ênfases e tendências que afetam as igrejas e tentar corrigi-las”. A também reverenda da mesma Igreja, Carmen Kawano (2016, p. 51), lembra que o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) organizou a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016 com o tema da responsabilidade de todos com a Casa Comum, o que já estava definido desde 2014,

esclarecendo que a preocupação com a deterioração do meio ambiente também existe na Comunhão Anglicana e que “uma de suas formas expressas se encontra nas cinco marcas da missão, das quais a quinta diz respeito ao zelo pela integridade da criação e ao sustento e renovação da vida na Terra”.

A cientista da religião presbiteriana leiga Rosi Schwantes (2016, p. 126) afirma que em outras igrejas e comunidades cristãs, além de outras religiões, ou seja, fora da Igreja Católica, também há uma preocupação com questões ligadas ao cuidado e conservação da Terra. O pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil Carlos Jeremias Klein (2016, p. 87) destaca que a *Laudato Si* une espiritualidade e ecologia. Também lembrando que, na linha da encíclica, a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016 – no Brasil e na Alemanha – trata do tema “Casa Comum – Nossa Responsabilidade”, ele destaca que os cristãos – católicos, ortodoxos e protestantes – são chamados a preservar a Criação sobre a qual “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gênesis 1.31). O igualmente pastor da mesma Igreja, Fernando Bortolletto Filho (2016, p. 99), admite que “a casa é comum, mas existem mundos diferentes na casa que deveria ser de todos”, percebendo “sintomas do espírito individualista em nossa sociedade”, o que se trata “de algo dramático para a abordagem de temas relativos ao meio ambiente em comunidades evangélicas no Brasil”.

O pastor batista Alonso S. Gonçalves (2016, pp. 67 e 70 *et seq.*), menciona que, “embora sendo um assunto inexplorado, por razões conhecidas devido à própria formatação teológica e social do movimento protestante no país”, não deixa de haver militância e engajamento de setores institucionais da Convenção Batista Brasileira (CBB) e de pastores com a questão ambiental e seus problemas, tendo o assunto ganhado “voz, reflexão, debate e um documento” na 91ª Assembleia da Convenção (Niterói/RJ, 2011), que teve como tema principal “Vida plena e meio ambiente”. Ele lembra que houve participação dos batistas brasileiros na Rio+20 (Rio de Janeiro, 2012) – promovida pela Organização das Nações Unidas, cujo assunto foi o desenvolvimento sustentável, buscando “dar um rumo para o planeta chamando todos ao diálogo a fim de traçar metas, abrir caminhos para um mundo em que o meio ambiente seja respeitado e valorizado como fundamento da vida” – e que o também pastor batista Dr. Raimundo César Barreto Júnior, então diretor da Área de Justiça e Liberdade da Aliança Batista Mundial, tratou do tema “Sustentabilidade: a perspectiva da ONU e das ONGs”, além de ter organizado um painel de debates, em

conjunto com o Conselho Geral da Igreja Metodista Unida, o Conselho Metodista Mundial e outras organizações, em que foram abordadas as “Dimensões éticas da sustentabilidade: perspectivas religiosas e éticas”. De acordo com ele, a CBB deu destaque ao evento, promovendo, junto aos meios de comunicação disponíveis, “uma programação de incentivo e reflexão sobre o tema do meio ambiente, disponibilizando recursos visuais e textos para as igrejas serem direcionadas ao assunto”, assim como criando um blog, “Vida e o Meio Ambiente”, para que textos dentro da temática fossem disponibilizados.

O também pastor batista Alessandro Rocha (2016, p. 121 *et seq.*) afirma que o caminho de humanização se dá enquanto cada pessoa se responsabilizar pela integridade da vida ao seu redor e que é ao encontrar o outro em todas as suas dimensões que se pode experimentar a realidade da *imago Dei*, ou seja, “o outro que é o mundo, o outro que é o irmão e aquele que é o totalmente outro”, sendo essa abertura um dos mais centrais aspectos no processo de humanização, acrescentando que o ser humano, imagem de Deus, é chamado a trabalhar o mundo para torná-lo em morada digna de todos os homens. Outro, Jorge Pinheiro (2016, p. 133), destaca que as questões da terra e dos excluídos de bens, que são próximas, são assuntos que nos remetem ao reino de Deus, admitindo que muitos acusarão isso de não fazer sentido ou de ser uma compreensão espúria do reino de Deus. Mas, ele anuncia o risco e pede ajuda àqueles que querem se lançar sobre aquilo que vem, sem tentar fugir da realidade presente.

O pastor pentecostal da Assembleia de Deus David Mesquiati de Oliveira (2016a, p. 83), a partir da noção de ecologia integral, explica que “aqui pensa-se o mundo como um todo, em que crentes e não crentes precisam unir esforços para que a vida se prolongue na Terra”, buscando enfrentar de forma integral o problema que aflige a humanidade no século XXI, ou seja, garantir que, em meio à devastação e à exploração predatória, o planeta sobreviva. Para ele, estas preocupações deveriam ser compartilhadas entre todas as pessoas que dividem a mesma casa e, entre os religiosos, respeitando a linguagem de cada um, a preocupação com o mundo em que vivemos e desejamos entregar aos nossos filhos se reveste de um tom exortativo, admitindo “que a espiritualidade pentecostal com sua marca sensitiva e experiencial tem se inclinado demasiadamente para o individual e para o interesse próprio em muitos grupos”, com pouco espaço para a preocupação com bem comum. O membro da Igreja Internacional de Cristo André Magalhães Coelho (2016, p. 145s) destaca que

as questões relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento do planeta não constituem preocupação apenas de grupos da comunidade científica ou da Igreja, pois se trata de algo que envolve a todos, provocando uma reflexão sobre o tema, de grande importância, acrescentando que “a qualidade de vida das pessoas e do planeta Terra, Casa Comum, implica a melhoria do ambiente em que estamos inseridos”.

O membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Missionária Thiago Rafael Englert Kelm (2016, p. 152) denuncia que a vitalidade reduzida da maior parte da humanidade em favor do “luxuoso progresso” de uma parte minoritária gera escravidão e destruição da natureza e do ser humano e que a devastadora exploração do planeta se torna injusta para a própria comunidade humana e uma “injúria contra a Terra”. Para ele, “uma nova postura diante da natureza pode encontrar nas reservas de sentido das religiões muitos caminhos para repensar o modo de viver e conviver na terra”, pois, na dimensão daquelas, a natureza não é apenas uma realidade unicamente técnica para fins utilitários e comerciais, mas “é autotranscendente, vista em termos de um naturalismo extático que transcende a si mesmo (sem anular-se) em direção ao Absoluto”. Assim, “as religiões podem oferecer, com base em suas tradições e símbolos sagrados, grande contribuição em prol da luta pela salvação da Terra”, pois existe nelas “um olhar poético e maravilhado com a natureza que reconhece nela o lugar de manifestação do sagrado” e elas carregam, em sua linguagem, “um poder simbólico que expressa essa experiência de maravilhamento com o mundo, símbolos permeados por uma riqueza capaz de criar fraternura e sororidade nas dimensões profundas do ser humano”, aspectos em comum que mostram os caminhos através dos quais elas podem se unir para promover gestos de defesa para o futuro da terra e das pessoas. Para ele, cuidar do planeta e dos seres humanos é responsabilidade de todos e pode desabrochar o melhor em cada tradição religiosa.

Finalmente, para a teóloga luterana Marga Janete Ströher e a pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil Romi Márcia Bencke (2016, p.113), a diversidade é uma característica da existência humana e planetária, presente em rostos e corpos humanos, em “significações e produções de sentidos culturais que produzem”, singularidades e formas de relacionamento humano, interpelações sociais, expressões religiosas, na organização da produção, administração e distribuição dos bens produzidos, relações de poder, espaços de decisões políticas e mesmo na produção das diferenças, com a existência humana e ambiental só se

estabelecendo pela diversidade. De acordo com elas, “a Casa Comum nos remete à perspectiva ecumênica, que, por sua vez, apresenta a perspectiva da liberdade”, pois “o ser humano é livre para escolher, e como tal pode optar por cuidar da Casa Comum”. O significado deste cuidado, porém, precisa ser aprofundado, pois “é possível escolher cuidar dos seus iguais como também daquele e daquilo que é totalmente outro.

Considerações finais

Através dos textos que compõem as três coletâneas de artigos mencionadas neste trabalho, pode-se perceber admiração pela iniciativa do Papa Francisco em apresentar um documento tão bem fundamentado cientificamente e tão dialogal. Além disso, ao convocar crentes e não crentes, católicos e não católicos, cristãos e adeptos de outras denominações religiosas ao empenho comum por uma causa tão importante, a preservação do planeta Terra – nossa casa comum –, o pontífice abre espaço para estabelecer uma unidade na diversidade, por meio de um macroecumenismo concreto, que trabalha pela confraternidade através do diálogo e da cooperação. Enfim, pudemos perceber, com numerosos exemplos, que o tema é uma preocupação comum a católicos e evangélicos.

No campo católico, embora algumas reações apresentadas neste trabalho tenham enxergado uma pouca sensibilidade original do Cristianismo, devido a não terem sido os seus adeptos os primeiros a chamar a atenção para a grave crise ecológica de nossos tempos, foram apontados alguns passos historicamente significativos, principalmente nas últimas décadas, quando o tema se tornou um espaço de atuação dos cristãos. A partir de uma releitura da teologia bíblica da criação, cresceu a consciência da relação integradora de todos os seres que compõem a natureza e de que todos os seres vivos têm seu valor perante Deus, devendo por isso ser respeitados e cuidados como parte do plano divino, algo já percebido por São Francisco de Assis, apontado como responsável pelo nascimento de uma nova relação de confraternização entre todas as criaturas, tornadas irmãs em uma família cósmica.

O “Evangelho da Criação” colocou a Doutrina Social da Igreja em um novo patamar, destituído de qualquer centralismo religioso, cultural e antropológico, possibilitando o reconhecimento das denominadas “religiões da natureza” e de sua visão da natureza como “meio ambiente”, mais semelhante do que diferente da visão

bíblica da criação, gerando uma maior respeito às experiências de todos povos, suas culturas e diversidade de cosmovisões e possibilitando que as mais variadas mediações do saber humano, dentre as quais a sabedoria religiosa e a espiritualidade, contribuam para a superação da crise ecológica. Assim, todas as religiões passaram a ser consideradas responsáveis pela administração dos bens naturais e pela defesa da vida, descobrindo, em suas próprias tradições, modos para transformar a maneira como enxergamos o meio ambiente e o universo que nos cerca, colaborando com a obra criadora de Deus, através da tarefa confiada por Ele.

Enfim, argumentou-se sobre a necessidade de uma criticidade maior sobre a atual realidade do planeta e de que as diferentes tradições espirituais devem agir unidas para denunciar e combater o capitalismo destruidor da vida e da natureza, como também a visão neoliberal que oprime os pobres, tendo sido apontada a necessidade de se romper com os caminhos impostos pelo atual regime econômico, através de soluções que resultem na sustentabilidade planetária. A economia deve se responsabilizar pelo cuidado com a natureza – através da não redução desta a mero instrumento ou recurso e do uso responsável das coisas –, assim como respeitar a dignidade e a qualidade de vida humana, em especial dos empobrecidos, que são os principais atingidos pela devastação ambiental, especialmente as mulheres, os camponeses e os indígenas.

No campo evangélico, foi destacada a diversidade que caracteriza a existência humana e planetária e o fato de os seres humanos e todas as demais criaturas de Deus formarem uma única família, o que gera a necessidade da alteridade, através do respeito e valorização do outro e da terra, a fim de proporcionar uma integração cósmica e um processo de humanização, para o qual é necessário que cada pessoa se responsabilize por toda vida em seu entorno, em especial a dos excluídos, o que, embora signifique um direcionamento aos Céus, poderá gerar acusações de falta de sentido e de uma “compreensão espúria do reino de Deus”.

Também foi dito que a teologia da criação deve servir de motivação para que as Igrejas se aprofundem em questões ecológicas, através de um debate teológico e pastoral, mesmo que em muitas delas, além de em outras religiões, já haja uma preocupação com questões ligadas à deterioração do meio ambiente e com o cuidado com o planeta. Inclusive, chamou-se a atenção para o fato de que o grito de socorro do então nascente movimento ecológico foi ouvido, de forma pioneira, pelo movimento ecumênico, que passou a ter significativa contribuição, principalmente no

sentido de convocar os cristãos a um esforço comum, especialmente através das ações do Conselho Mundial de Igrejas.

Aliás, o CMI ganhou uma boa atenção dos textos, com destaque para suas assembleias gerais em que o tema foi tratado, os documentos através do quais ele se manifestou sobre, dentre outros pontos, as mudanças climáticas, seu engajamento para a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio de Janeiro/Brasil, 1992) e da Expo Rio-92e, em especial através do estabelecimento de seu Programa de ação “Justiça, Paz e Integridade da Criação” (JPIC) e suas consequentes peregrinações, o que, porém, gerou uma crítica por não ter sido mencionado pela Encíclica *Laudato Si'*.

Finalmente, embora tenha sido admitida a existência de certo individualismo em comunidades evangélicas brasileiras –inclinadas em demasia para seus interesses próprios –e que o tema seja pouco explorado em razão da formatação teológica e social do movimento protestante no país, foram-nos apresentadas diversas ações empreendidas no universo das Igrejas evangélicas locais a respeito da questão ambiental e do cuidado com a criação, demonstrando militância e engajamento, com grande atenção dispensada à temática da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2016, organizada pelo CONIC e cujo tema, “Casa Comum – Nossa Responsabilidade”, já estava definido desde 2014, ou seja, antes da publicação da *Laudato Si'*.

Referências bibliográficas

- A Carta da Terra*. Disponível em: <https://earthcharter.org/read-the-earth-charter/preamble/>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco. Fé cristã e superação da crise ecológica. Abordagem teológica. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 24-39.
- BARROS, Marcelo. A Terra e o Céu cheios de Amor. A encíclica *Laudato Si'* e a espiritualidade macroecumênica. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 103-114.
- BINGEMER, Maia Clara L.. Louvor, responsabilidade e cuidado. Premissas para uma espiritualidade ecológica. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 169-181.



- BOFF, Leonardo. A encíclica do Papa Francisco não é “verde”, é integral. *In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'.* 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 15-23.
- BORTOLLETO FILHO, Fernando. Reflexão sobre a Encíclica *Laudato Si'* no contexto das Igrejas Evangélicas. *In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco.* 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 99-101.
- BRIGHENTI, Agenor. A evolução do conceito de ecologia no Ensino Social da Igreja. Da *Rerum Novarum* à *Laudato Si'*. *In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'.* 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 52-64.
- CALVANI, Carlos Eduardo. “*Laudato Si'* – sobre o cuidado da casa comum”: um convite gentil, generoso e sensível ao diálogo e à reflexão. *In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco.* 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 91-97.
- CODINA, Victor. Os opositores à Igreja de Francisco. *In: Instituto Humanitas Unisinos. Adital.* São Leopoldo, 3 ago. 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591343-os-opositores-a-igreja-de-francisco-artigo-de-victor-codina#>. Acesso em: 21 nov. 2020.
- COELHO, André Magalhães. Água – direito humano e bem comum. *In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco.* 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 145-146.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *Laudato Si'*: o eco papal de uma busca ecumênica. *In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco.* 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 37-49.
- FERRARO, Benedito. *Laudato Si'* e a opção pelos pobres. *In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'.* 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 65-72.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o Cuidado da Casa Comum.* 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FREI BETTO. A espiritualidade proposta pela encíclica *Louvado Sejas*. *In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'.* 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 157-168.
- GONÇALVES, Alonso S.. Um pastor a serviço da Terra: a Encíclica *Laudato Si'* e os batistas brasileiros. *In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si', do Papa Francisco.* 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 63-73.
- GRISALES, Maryuri Mora. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum – comentários desde a América Latina. *In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.).*

- Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 139-145.
- JOSAPHAT, Carlos. *Laudato Si'*, na perspectiva da Doutrina Social da Igreja. In: PASSOS, João Décio (org.). *Diálogos no Interior da Casa Comum: recepções interdisciplinares sobre a Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Educ; Paulus, 2016. p. 25-49.
- KAWANO, Carmen. *Laudato Si'* – uma mensagem para todas as pessoas da casa comum. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 51-54.
- KELM, Thiago Rafael Englert. *Laudato Si'*: convite para um diálogo ecológico-social-inter-religioso em escala mundial. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 151-154.
- KLEIN, Carlos Jeremias. A Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco: o olhar de um presbiteriano. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 87-89.
- MAÇANEIRO, Marcial. A ecologia como parâmetro para a ética, a política e a economia. Um novo capítulo do Ensino Social da Igreja. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 73-89.
- MACÁRIO, Luís Felipe Lobão de Souza. Diálogos sobre o diálogo: a recepção da Encíclica *Laudato Si'* entre católicos, evangélicos e academia. In: CONGRESSO ANPTECRE RELIGIÃO E CRISE SOCIOAMBIENTAL, VII, 2019, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019. p.72-79. Disponível em: <https://eventospucRio.teo.br/files/publicacao%20anais%20-%20completo.pdf>.
- MATTOS, Paulo Ayres. A Encíclica *Laudato Si'* e a nossa casa comum. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 55-59.
- MENDES, Fábio Martelozzo. *Laudato Si'* – o bronze que soa e o címbalo que retine. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 155-163.
- MOREIRA, Gilvander Luís. *Laudato Si'* e as lutas dos movimentos socioambientais. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 197-217.
- MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016.



- NEVES, Cláudio Augusto Limas das. O lago Batata, a encíclica papal e nossa Ecclesia Metodista. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 147-149.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Os pentecostais também podem cantar juntos “Louvado sejas, Meu Senhor”. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016a. p. 81-85.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. A difícil integração humana na comunidade de vida da Terra. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016b. p. 90-102.
- PASSOS, João Décio (org.). *Diálogos no Interior da Casa Comum: recepções interdisciplinares sobre a Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Educ; Paulus, 2016.
- PÉRET, Rodrigo de Castro A.. O que nos reúne é a defesa da vida, o cuidado da criação. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 182-196.
- PINHEIRO, Jorge. A terra e o Reino: *Laudato Si'* como alerta para a transformação. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 131-135.
- PRATES, Lisâneos Francisco. A espiritualidade como princípio transversal. In: PASSOS, João Décio (org.). *Diálogos no Interior da Casa Comum: recepções interdisciplinares sobre a Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Educ; Paulus, 2016. p. 181-209.
- RENDERS, Helmut. Por que metodistas brasileiros/as deveriam ler a encíclica papal *Laudato Si'*. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 75-79.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016.
- ROCHA, Alessandro. Céus e terra testemunham a dignidade de toda a vida: uma reflexão sobre a *Laudato Si'* com base em “dois livros de Deus”. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 115-124.
- SCHWANTES, Rosi. *Laudato Si'* – uma carta de Francisco que nos pede para sermos cuidadosos. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 125-129.
- STRÖHER, Marga Janete & BENCKE, Romi Márcia. Casa comum – diversidade e coexistência: um exercício de diálogo ecumênico a partir da Encíclica *Laudato Si'* –



sobre o cuidado da casa comum. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 107-113.

SUSIN, Luiz Carlos. Conversão ecológica: “conversão da conversão”. In: MURAD, Afonso & TAVARES, Sinivaldo Silva (orgs.). *Cuidar da Casa Comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 40-51.

TVEIT, OlavFykse. Cuidando de nossa casa comum: uma preocupação ecumênica e inter-religiosa. Comentários sobre a Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Evangélicos e o Papa: olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco. 1. ed. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 29-35.

VILLAS BOAS, Alex. Paradigma de uma ética planetária. Um olhar a partir da ecologia da vida cotidiana na *Laudato Si'*. In: PASSOS, João Décio (org.). *Diálogos no Interior da Casa Comum: recepções interdisciplinares sobre a Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Educ; Paulus, 2016. p. 211-231.

Submetido em: 30/09/20
Aceito em: 08/11/20